

HETEROGENEIDADE NA ALFABETIZAÇÃO COM PIBID: RELATOS DE PRÁTICAS NOS ANOS INICIAIS

Mariana Luiz de Assunção ¹
Letícia Medeiros Ferreira Falcão ²
Carmi Ferraz Santos ³

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência, vivenciado no âmbito do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), no núcleo de alfabetização da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). As práticas educativas relatadas ocorreram em uma turma de 3º Ano do Ensino Fundamental I, em uma escola municipal da cidade do Recife, no primeiro semestre de 2025. Fundamentado nos estudos de Albuquerque (2012), Freire (1991), Gatti (1996) e Leal (2004), o relato destaca a heterogeneidade como processo singular fortemente presente nas salas de aula, principalmente nos anos iniciais. Partindo do pressuposto de que a sala de aula é inherentemente heterogênea, com uma diversidade de alunos, conhecimentos e ritmos de aprendizagem, o trabalho aborda a pluralidade em sala. A experiência evidencia que, ao proporcionar atividades, jogos e momentos de leitura deleite após a sondagem de escrita da turma e com um agrupamento flexível por nível de aprendizagem uma vez por semana, a prática transcende as limitações de uma educação tradicional. O relato demonstra que, ao criar novas oportunidades de aprendizagem a partir da diagnose de escrita, é possível notar um avanço significativo, permitindo que os alunos com mais dificuldades acompanhem o coletivo. Os resultados dessa iniciativa mostram que a heterogeneidade em sala se torna mais concreta, pois não apenas preenche lacunas educacionais, mas também promove a inclusão e a transformação nas hipóteses de aprendizagem. Dessa forma, conclui-se que o trabalho de intervenções propostos pela professora e bolsistas do PIBID, com enfoque na heterogeneidade no processo de alfabetização, desempenha um papel na construção de uma sala de aula mais engajada, criando alternativas para aqueles que enfrentam dificuldades, e incentiva o compromisso com a singularidade de cada aluno como um valioso instrumento de ensino.

Palavras-chave: PIBID, Heterogeneidade, Alfabetização, Intervenções.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, mariana.luiz@ufrpe.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, leticia.falcao@ufrpe.br;

³ Professora orientadora: Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP - SP, carmiferraz@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A alfabetização, em suas múltiplas dimensões, constitui uma das principais etapas de transformação na vida do ser humano e de promoção da autonomia. Essa fase escolar demanda práticas educativas desenvolvidas em contextos que acolham as diferentes hipóteses de aprendizagem, consolidando-se como uma alternativa significativa para salas de aula que enfrentam desafios na consolidação do processo de alfabetização. Nesse sentido, a heterogeneidade presente no ambiente escolar deve ser compreendida como uma expressão de pluralidade, pois ocupa um lugar de destaque ao possibilitar processos de aprendizagem que dialogam com as necessidades reais dos alunos, especialmente daqueles que apresentam maiores dificuldades. Assim, favorece não apenas o desenvolvimento da autonomia, mas também a construção de novas perspectivas e caminhos para o aprendizado.

Leal (2004) e Albuquerque (2012) afirmam que a sala de aula é, por natureza, um espaço heterogêneo, composto por alunos com diferentes experiências, ritmos de aprendizagem e níveis de conhecimento. Essa diversidade exige do professor uma prática pedagógica sensível e flexível, capaz de atender às múltiplas formas de aprender presentes no ambiente escolar. Nessa perspectiva, Ferreiro e Teberosky (1980) contribuem ao descrever as etapas pelas quais a criança passa na construção do conhecimento sobre a escrita, — desde o nível pré-silábico até o alfabetico — destacando que cada fase representa uma forma própria de pensar e compreender o sistema de escrita e que o processo de alfabetização deve respeitar essas hipóteses individuais de aprendizagem.

Esses níveis, embora representem hipóteses individuais de cada criança, abrangem a sala de aula em um conjunto de pluralidades que caracteriza-se como heterogeneidade. Assim, a sala torna-se um espaço dinâmico, onde diferentes formas de pensar, ritmos e modos de aprender coexistem, exigindo do professor uma prática pedagógica sensível, flexível e capaz de acolher as diversas etapas do processo de alfabetização.

É nesse cenário que se insere o presente trabalho, cujo foco recai sobre as práticas de atuação, a partir da observação de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da prefeitura, localizada em Recife-PE. A investigação buscou analisar como as atividades desenvolvidas pela professora e bolsistas do PIBID contribuíram para o desenvolvimento da turma, especialmente os alunos com mais dificuldade. Foram utilizados jogos e momentos de leitura deleite após a sondagem de escrita da turma e com agrupamento flexível por nível de aprendizagem uma vez por semana, a prática transcende as limitações de uma educação tradicional. A escolha pelo tema surgiu oportunamente com os relatórios mensais do PIBID,



que possibilitaram refletir sobre as práticas realizadas em sala de aula.. Fundamentado nos estudos de Albuquerque (2012), Freire (1991), Gatti (1996) e Leal (2004), o relato destaca a heterogeneidade como processo singular fortemente presente nas salas de aula, principalmente nos anos iniciais.

É nesse cenário que se insere o presente trabalho, cujo foco é analisar as contribuições das práticas de atuação de bolsistas do PIBID para o desenvolvimento de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da prefeitura, localizada em Recife-PE. A investigação buscou analisar como as atividades desenvolvidas pela professora e pelas bolsistas contribuíram para o desenvolvimento da turma, especialmente para os alunos com mais dificuldades. Como resultado parcial, as evidências demonstram que a prática, ao transcender o ensino tradicional por meio de intervenções intencionais e diversificadas (como jogos, leitura deleite e agrupamentos flexíveis), contribuiu para o fortalecimento da autonomia dos alunos e para a redução das desigualdades de aprendizagem, tornando a heterogeneidade um eixo central de inclusão e transformação.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no Núcleo de Alfabetização (Sede), vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), durante o primeiro semestre de 2025. A pesquisa ocorreu em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola municipal de Recife, tendo como foco a observações das práticas pedagógicas, o acompanhamento das atividades de alfabetização e a análise da heterogeneidade em sala de aula, particularmente em relação às diferentes hipóteses de escrita das crianças.

As ações das bolsistas do PIBID foram precedidas por uma formação, oferecida pelas coordenadoras de área do PIBID, sobre a prática da leitura deleite como ferramenta pedagógica. Subsequentemente, as bolsistas realizaram uma curadoria do acervo da biblioteca escolar para selecionar obras adequadas à faixa etária e às temáticas das atividades planejadas. Em abril, iniciaram-se as rodas de leitura, que, para garantir maior organização e engajamento discente, foram transferidas da biblioteca para a sala de aula, em colaboração com a professora titular da turma. Nessas sessões, promoveu-se o protagonismo infantil ao permitir que os alunos escolhessem os livros e o leitor do dia, fomentando o diálogo, a interpretação e o prazer pela leitura. Paralelamente, foi aplicada uma sondagem de escrita, planejada pelas





coordenadoras de área, na qual os estudantes, atendidos em duplas na biblioteca, nomearam dez imagens distintas. As produções foram analisadas pelas bolsistas e, posteriormente, revisadas pelas coordenadoras, que avaliaram a capacidade dos bolsistas de articular os conhecimentos teóricos à prática pedagógica.

O total da turma era de 24 alunos, distribuídos nos diferentes níveis de domínio da escrita, que embasou o planejamento das atividades pedagógicas. A partir da análise da sondagem, as bolsistas propuseram atividades semanais direcionadas aos alunos com maior dificuldade, desenvolvidas em parceria com a professora titular. Essas atividades incluíram o uso de letras móveis para composição e reconstrução de palavras e nomes, exercícios de leitura de palavras e textos curtos, além de estratégias para ampliação do repertório linguístico. O objetivo era fortalecer a consciência fonológica, a compreensão do sistema de escrita e o envolvimento com o texto, de forma a respeitar as diferenças individuais e promover a aprendizagem progressiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

A sala de aula, especialmente nos anos iniciais, é um palco natural da diversidade. Longe de ser um acidente ou um desvio, a heterogeneidade constitui um pressuposto que define a própria dinâmica do espaço educativo. A perspectiva teórica que orienta este trabalho rejeita a noção de homogeneidade como meta a ser alcançada, focando, ao contrário, na necessidade de "desvelar as diferenças" para que elas se tornem o foco da ação docente.

Albuquerque, Morais e Leal (2017) são categóricas quanto a presença da heterogeneidade nas salas, e que esta deve ser " [...] objeto de reflexão e intervenção do professor" (p.11). Essa posição implica uma inversão de olhar: a diversidade de ritmos, conhecimentos prévios e experiências dos alunos não deve ser vista como um obstáculo a ser superado, mas sim como o ponto de partida para um planejamento pedagógico verdadeiramente inclusivo.

Quando a diversidade é percebida negativamente, a prática pedagógica tende a estagnar, limitando-se a estratégias padronizadas e sendo vista como problema a ser resolvido (Albuquerque, Morais, Leal, 2017). Tal entendimento simplista ignora a riqueza das construções cognitivas individuais, e transfere para o aluno a responsabilidade pelo não-aprendizado, desobrigando a escola e o professor de planejar, diversificar e flexibilizar as metodologias. Essa visão reforça um modelo de educação bancária, no qual o aluno é visto como um recipiente passivo a ser enchido, e não como um sujeito dialógico e crítico (Freire,



1991). Superar essa visão é crucial para que a intervenção se torne efetiva, especialmente com os alunos que mais necessitam de suporte.

Para que a ação docente seja intencional, a avaliação diagnóstica se consolida como a principal ferramenta, dando suporte para compreensão dos diferentes níveis presentes em sala e subsidiando o planejamento da prática pedagógica (Albuquerque, Morais, Leal, 2017).

O objeto central da alfabetização é o sistema de escrita alfabetica (SEA), cujo aprendizado, sob a perspectiva construtivista, é um processo ativo de conceitualização por parte do aluno. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1986), a aquisição da escrita deve ser vista como um processo de construção cognitiva em que a criança, de forma não linear, elabora e verifica suas próprias hipóteses para compreender o funcionamento do sistema alfabetico. As fases da psicogênese (pré-silábica, silábica, silábico-alfabetica e alfabetica), descritas por Ferreiro e Teberosky (1986), demonstram que o aluno não é uma tábula rasa, mas um sujeito pensante que formula e testa hipóteses complexas. A intervenção eficaz é aquela que dialoga com a hipótese do aluno, desequilibrando-a em direção à convenção da escrita. Nesse sentido, Leal (2004), em seus estudos, enfoca o que precisa ser ensinado: a diferenciação do que escutamos para o que escrevemos, a análise fonológica e as regras do SEA ortográficas e não fonéticas.

A intervenção docente, vista no relato de experiência, deve aproveitar o "espaço de ensino" (Leal, p. 88) para promover a reflexão explícita sobre esses princípios. O agrupamento flexível e o uso de jogos (como o de letras móveis) são estratégias que visam intervir diretamente na hipótese do aluno, garantindo que mesmo aqueles em níveis iniciais tenham oportunidades concretas de avançar.

O sucesso das intervenções pedagógicas não depende apenas do conhecimento teórico sobre a escrita e a aprendizagem, mas está intrinsecamente ligado à identidade e às condições de trabalho do próprio professor. Gatti (1996) aborda a complexidade dessa profissão em países em desenvolvimento, onde o contexto social impõe desafios singulares. A professora (ou o professor) em sala de aula está sujeita a uma tensão dinâmica:

Nos países em desenvolvimento, hoje, a profissão de professor vem sofrendo profundas transformações sob o efeito conjugado de uma série de fatores. Entre esses temos de considerar, de um lado, o crescimento do número de alunos e sua heterogeneidade sociocultural, a demanda pela população de uma certa qualidade da escolarização, o impacto de novas formas metodológicas de tratar os conhecimentos e o ensino, e, de outro, a ausência de priorização político-econômica concreta da educação primária e secundária e as estruturas hierárquicas burocráticas, no mais das vezes, centralizadoras e inoperantes em seus diferentes níveis. (Gatti, 1996, p. 85)



Para a autora, o trabalho do professor está situado em um entrechoque dinâmico de condições que ultrapassa a mera aplicação dos conhecimentos da formação inicial. O trabalho cotidiano dos professores é o ponto de encontro entre a bagagem da formação e os saberes práticos, moldados por uma realidade de crescente heterogeneidade de alunos. Gatti (1997) afirma que essa prática é guiada pela identidade profissional do docente, que afeta suas perspectivas, motivações e formas de atuação. A identidade, que permeia o modo de estar no mundo e no trabalho, é o eixo que orienta a ação.

Nesse contexto, a figura do professor não pode ser reduzida a um autômato; "O professor não é um robô que se programa ou se adestra de acordo com as necessidades do momento" (Gatti, 1996, p. 89). O avanço requer o reconhecimento de que a construção da identidade profissional é atravessada cotidianamente a partir de suas vivências e intersecções. A identidade docente, portanto, deve ser construída na práxis, na reflexão e ação constante sobre o mundo, alinhada com os princípios de uma prática realmente humanizadora e dialógica (FREIRE, 1991).

Sendo assim, o relato busca demonstrar que o trabalho de intervenções com enfoque na heterogeneidade, pautado em diagnósticos precisos (sondagem) e estratégias diversificadas (agrupamento flexível, jogos, leitura deleite), é uma forma de garantir os direitos de aprendizagem de todos os estudantes (Souza; Leite, Albuquerque, 2006). Ao fazer isso, o trabalho se propõe a transcender as limitações de uma prática tradicional que, por vezes, negligencia os alunos em níveis iniciais, e contribuir para a construção de uma identidade profissional mais crítica e engajada, capaz de transformar a sala de aula em um espaço de inclusão e avanço para todos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das atividades desenvolvidas ao longo do primeiro semestre evidencia que a heterogeneidade em sala de aula se manifesta de maneira significativa, refletida nos diferentes níveis de escrita identificados na sondagem.

As ações das bolsistas foram precedidas por formações oferecidas pelas Coordenadoras de área do núcleo de alfabetização do PIBID/UFRPE. Durante o mês de março, participamos de uma formação sobre leitura deleite, prática pedagógica que visa estimular a imaginação, o prazer pela leitura e o desenvolvimento de competências linguísticas, além de reforçar o vínculo com o livro como objeto de prazer e conhecimento. Em seguida, realizamos uma



curadoria do acervo da biblioteca escolar, selecionando livros adequados à faixa etária da turma e às temáticas previstas para as rodas de leitura. A curadoria possibilitou conhecer melhor os recursos disponíveis e planejar leituras mais estratégicas e significativas.

As rodas de leitura iniciaram em abril, inicialmente na biblioteca. Devido à agitação natural da classe, optou-se por transferir as atividades para a sala de aula, em conjunto com a professora titular, garantindo maior controle, organização e engajamento das crianças. Durante esses momentos, incentivamos a autonomia dos alunos, permitindo que escolhessem livros da curadoria realizada pelas bolsistas e promovendo votações para selecionar o leitor do dia. As rodas de leitura incluíram momentos de diálogo e interpretação das histórias, promovendo a escuta ativa, a participação e o prazer pela leitura, além de estimular a expressão oral e o protagonismo infantil.

Em paralelo, realizamos uma diagnose de escrita, planejada e orientada pelas coordenadoras do PIBID. Esta atividade consistiu em uma folha com dez imagens, na qual cada criança deveria escrever o nome correspondente à figura. Para garantir um ambiente tranquilo e evitar interrupções na rotina da sala, os alunos foram atendidos dois por vez, em um espaço reservado, à biblioteca. A sondagem foi aplicada em um momento pós-Carnaval, quando os estudantes já haviam se adaptado à professora, às bolsistas e à rotina escolar. As produções foram analisadas pelas bolsistas e enviadas às coordenadoras, que revisaram as análises e avaliaram o entendimento das bolsistas na articulação entre teoria e prática.

Cada estudante apresentava ritmos e hipóteses de aprendizagem distintos, o que reforça a compreensão de que o processo de alfabetização não ocorre de forma linear ou uniforme. A classificação dos 24 alunos nos níveis de escrita — desde o pré-silábico inicial até o alfabetico com domínio de algumas regras morfo-gramaticais — permitiu observar a pluralidade do desenvolvimento infantil e a necessidade de práticas pedagógicas diferenciadas e contextualizadas.

A diversidade das hipóteses de escrita da turma, após a aplicação da sondagem, pode ser melhor visualizada na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição da turma por hipótese de escrita (N=24)

1A - Pré-silábico utilizando desenho e/ou rabis	0 estudantes
1B - Pré-silábico utilizando letras e/ou numerais	0 estudantes
1C - Pré-silábico em início de fonetização	1 estudante
2A - Silábico sem correspondência grafofônica (silábico de quantidade)	0 estudantes





2B - Silábico com correspondência grafo fônica (silábico de qualidade)	3 estudante
2C - Silábico em transição para o alfabetico (silábico-alfabético)	4 estudantes
3A – Alfabetico realizando trocas de letras (não domínio das regras contextuais diretas)	2 estudantes
3B – Alfabetico com razoável domínio das correspondências grafo fônicas diretas	4 estudantes
3C – Alfabetico com razoável domínio de algumas regras contextuais e morfo-gramaticais	10 estudantes

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A análise dos dados da Tabela 1 confirma a heterogeneidade da sala, que se distribuiu por uma ampla gama de hipóteses de escrita. É notório que o maior contingente da turma (10 alunos, o que corresponde a 41,7% do total) já se encontra no nível 3C (Alfabético com razoável domínio de algumas regras contextuais e morfogramaticais). Este dado sugere que uma parcela significativa dos alunos já consolidou a base do sistema de escrita alfabetico, demandando, agora, intervenções que visem o aprofundamento das regras ortográficas

Em contraste, observa-se que 1 estudante ainda está na fase Pré-silábica (1C), enquanto 7 alunos se situam na fase Silábica (2B e 2C). Essa diversidade evidencia os diferentes ritmos de aprendizagem e experiências prévias de cada criança. A coexistência de alunos em níveis tão distintos reforça a necessidade de implementação de práticas pedagógicas diferenciadas, conforme sugerido por (Gatti, 1996), a fim de garantir que as atividades propostas atendam tanto às necessidades de remediação e avanço dos alunos nas fases iniciais quanto aos desafios de aprofundamento para aqueles já alfabetizados.

As rodas de leitura deleite mostraram-se fundamentais para o processo de alfabetização, a leitura tem várias finalidades, dentre elas ler pelo prazer, diversificação de histórias, promoção da autonomia, o protagonismo e o envolvimento da turma com o processo de aprendizagem.

Eis aí a importância de diversificarmos a nossa leitura, ampliando-a para a diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente no domínio privado e no público. Disporemos dessa bagagem de leitura a cada nova leitura, no processo da intertextualidade. (LEITE; BARBOSA, 2006, p. 95).

A possibilidade de os alunos escolherem livros, votarem para definir o leitor e interagirem durante a leitura contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre crianças, bolsistas e professora. Além disso, a leitura deleite estimulou a escuta, a interpretação textual e





a apreciação da leitura como prática prazerosa, complementando as atividades de escrita e ampliando o repertório linguístico dos estudantes.

As atividades com letras móveis e reconstrução de palavras se mostraram eficazes para apoiar os alunos nos níveis pré-silábico e silábico, promovendo o reconhecimento de letras, sons e a formação de palavras. Já os alunos mais avançados — nos níveis alfabético e silábico-alfabético — foram estimulados por meio da produção de textos e gêneros textuais, como a escrita de cartas, que exigiam compreensão de regras ortográficas, morfossintáticas e de coesão textual. Essa diferenciação revelou tanto o potencial pedagógico de reconhecer a heterogeneidade quanto a limitação de não integrar todos os alunos nas mesmas experiências de aprendizagem.

O acompanhamento semanal realizado pelas bolsistas permitiu observar avanços graduais na escrita e leitura, especialmente para aqueles alunos que se encontravam nos níveis 1C, 2B e 2C. No entanto, apesar dos progressos individuais, o desenvolvimento coletivo ainda apresentou lacunas, devido à ausência de práticas mais inclusivas e ao fato de que algumas crianças não participaram de determinadas atividades propostas para os alunos mais avançados. Isso evidencia que a heterogeneidade não pode ser tratada apenas como reconhecimento das diferenças, mas deve se tornar oportunidade de aprendizagem coletiva, na qual cada criança contribui e evolui a partir de suas próprias experiências.

O estudo mostrou que a heterogeneidade deve ser compreendida não apenas como um desafio, mas como uma riqueza pedagógica, que permite planejar intervenções mais significativas e contextualizadas. A sondagem forneceu dados essenciais para entender as necessidades individuais de cada aluno, enquanto a leitura deleite e as atividades de reconstrução de palavras possibilitaram o desenvolvimento de competências linguísticas, promovendo autonomia, protagonismo e engajamento (Souza; Leite, Albuquerque, 2006).

Por outro lado, a observação também revelou lacunas importantes na prática docente. A professora frequentemente diferenciava as atividades entre alunos mais avançados e os que apresentavam maiores dificuldades. Essa distinção, embora compreendendo as singularidades, acabou gerando certa exclusão de crianças em níveis iniciais, que não participavam de atividades mais complexas, como produções de gêneros textuais, por exemplo, a elaboração de cartas. Essa prática evidencia lacunas no entendimento pleno da heterogeneidade e a necessidade de estratégias mais integradoras e inclusivas, que permitam participação efetiva de todos os alunos no processo educativo.

Em síntese, nossa experiência evidencia que, mesmo diante de desafios e lacunas, as práticas implementadas pelas bolsistas do PIBID — sondagem, leitura deleite e atividades com



letras móveis — permitiram desenvolver o processo de alfabetização de forma mais próxima às necessidades individuais, fortalecendo vínculos, promovendo a aprendizagem e refletindo sobre o papel da heterogeneidade como elemento central no planejamento e na execução pedagógica. As experiências que advém do PIBID contribuem para formação docente, além do avanço acadêmico, essas vivências contribuíram para consolidar um ambiente mais inclusivo, reflexivo e atento às singularidades de cada aluno, embora ainda seja necessário ampliar estratégias para alcançar maior significância coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência evidencia a complexidade e a riqueza do processo de alfabetização em contextos de heterogeneidade. A análise das práticas realizadas no primeiro semestre de 2025, na turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, demonstra que a diversidade de hipóteses de escrita e os diferentes ritmos de aprendizagem constituem um desafio, mas também uma oportunidade para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais significativas e inclusivas.

A compreensão dessas diferenças possibilitou às bolsistas do PIBID elaborar intervenções direcionadas, como atividades com letras móveis, reconstrução de palavras e exercícios de leitura de textos curtos, adaptadas às necessidades individuais de cada criança.

As rodas de leitura deleite se mostraram fundamentais para o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e do prazer pela leitura. Ao permitir que os alunos escolhessem livros, votassem para selecionar o leitor do dia e participassem ativamente do diálogo sobre as narrativas, promovemos um ambiente de aprendizado mais engajado e colaborativo. Tais práticas evidenciam que, mesmo diante de lacunas estruturais ou limitações na presença do professor, é possível criar estratégias que valorizem a singularidade de cada estudante e estimulem sua participação.

Apesar das limitações, os resultados indicam avanços no processo de alfabetização da turma, especialmente para os alunos que receberam acompanhamento individualizado pelas bolsistas. As atividades realizadas demonstram que, mesmo com lacunas na condução pedagógica da professora, é possível contribuir para o desenvolvimento da escrita e da leitura, respeitando ritmos individuais e valorizando a aprendizagem significativa.

Dessa forma, o trabalho evidencia que a heterogeneidade deve ser compreendida como um elemento central na prática pedagógica, capaz de orientar o planejamento e a construção de estratégias inclusivas e adaptadas à realidade de cada estudante. O reconhecimento das



diferentes hipóteses de escrita, aliado à promoção de atividades lúdicas, de leitura e de elaboração textual, mostra-se eficaz para fomentar avanços graduais, desenvolver autonomia e fortalecer vínculos entre alunos, professores e bolsistas.

REFERÊNCIAS

- GATTI, B. A. **Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 98, p. 85–90, maio 1996. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/798>. Acesso em: 10 set. 2025
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FERRAZ, T.; SILVA, M. D. C.; ALBUQUERQUE, E. B. C. **Heterogeneidade e direitos de aprendizagem na alfabetização:** os diferentes percursos dos estudantes. In: ALBUQUERQUE, E. B. C.; FERRAZ, T. (Org.). Alfabetização para todos: diferentes percursos, direitos iguais. Brasília: Ministério da Educação, 2012. p. 6–25.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SOUZA, Ivane Pedrosa de; LEITE, Tânia Maria Rios; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Leitura, letramento e alfabetização na escola.** In: BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo; SOUZA, Ivane Pedrosa de (Org.). Práticas de leitura no ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 23-38.

